

O Zaca, o Cabeludo e o Pixote que o digam!

O sr. José Sarney diz que está "a pão e água"; os seus ministros também dizem que não têm nada com isso, que já deram tudo que tinham e que a culpa é dos Estados e municípios; os governadores de Estados e municípios "não deixam a peteca cair": as culpadas de tudo são as estatais. E os diretores das estatais devolvem a bola, dizendo que o negócio não é com eles, que o buraco está no peso das dívidas interna e externa. Assim, se o déficit público continua crescendo todos os dias, ninguém é culpado por isso, pelo menos dentro do governo, em qualquer uma das suas instâncias. Já estão até dizendo que todos os efeitos desse déficit na inflação, com congelamento e tudo, não passam de miragens; que nem sequer existe déficit, e que tudo isso não passa de uma manobra... (suspense!)... dos empresários, para forçar uma alta de preços. O governo não. O governo já deu tudo que tinha...

A Rocinha e Dona Marta acabam de mandar dizer que ainda não receberam nada...

E enquanto os ignorantes aqui de baixo arrancam os cabelos para encontrar as respostas de tão intrigante mistério, as sumidades lá de cima dedicam-se a debater assuntos muito mais transcendentes: o que será melhor para matar a fome do Brasil, parlamentarismo ou presidencialismo? Ampliar a moratória ou apenas mantê-la como está? LBC ou OTN?

Há dois anos que não se faz um investimento neste país. A economia está parando e os trabalhadores estão perdendo os seus empregos. A indústria está ficando obsoleta e os empresários estão descapitalizados. Os Estados, os municípios e a União estão falidos e já não há serviços públicos nem assistência social, e os morros e periferias, onde polícia não entra, estão em guerra, com televisão e tudo. Lá tudo isso é verdade. Mas aceitar dinheiro de fora para investimentos em nossa economia? Isto é que não! Afinal, há "faces" a salvar no maior partido do Ocidente. Há "soberanias" a preservar. Nosso negociares querem e podem brilhar, "alugando" indefinidamente os credores com seus silogismos perfeitos. Nós temos tempo! E, depois, se este dinheiro estrangeiro entrasse, nós correríamos "o sério risco de vermos a base monetária expandir-se ainda mais", o que é um notório perigo. O Zaca, o Cabeludo e o Pixote, coitado, que o digam!

Mas eles não sabem de nada; os trabalhadores que fizeram a sua antigreve e que logo farão outra, convencional, não sabem de nada; os empresários, esses gananciosos, não sabem de nada. Todos têm de esperar e de tomar muitas "aulinhas de inflação", ainda. Eles que vivam do "apoio" que o presidente Sarney trouxe do México! Aliás, por falar em México, é pena que o presidente Sarney só tenha trazido "apoio" de lá. Poderia ter trazido lições, que a Rocinha e Dona Marta agradeciam empenhadas.

Mas não, o presidente Sarney, que é soberano, só aceita lições da Fundação Pedroso Horta do sr. Severo Gomes, o senador saltitante do PMDB (com passagem pela Arena dos generais), que sabe o que é bom para o Brasil e "acredita sinceramente" que ele só deve crescer à custa de empresas tão nacionais e tão eficientes quanto a fábrica de cobertores Parahyba ou a fábrica de brinquedos Trol, mesmo que o Zaca, o Cabeludo e os Pixotes, todos tenham de esperar um pouco mais por isso. É só ir tapeando a fome...

O presidente de la Madrid, do México, com quem o presidente Sarney "concertou uma ação conjunta" para enfrentarmos o "inimigo comum", que são os países ricos, porém, não confia tanto assim na paciência dos seus Pixotes, que também são muitos e vêm da mesma "fábrica" dos daqui. Assim, mantém-se tão "soberano" quanto o nosso Sarney, mas só no papo, que é o que interessa e rende com os fabricantes de Pixotes, aqueles que admitem tudo menos que se "comprometa o crescimento"... das Rocinhas e Donas Martas...

Assim, enquanto joga conversa fora com o nosso presidente e com os seus fabricantes de Pixotes, ele vai convertendo os títulos da dívida externa mexicana em investimentos e em capital de risco em velocidade acelerada, depois, é claro, de ter feito um belo acordo com o FMI que lhe permite pagar juros de 0,85% mais a libor, enquanto os "espertos" aqui continuam pagando, soberanamente, 1,5% mais a libor e sem receber nenhum tostão de "dinheiro novo" e nem, muito menos, de investimento (é isto que o senador saltitante daquela fundação quer dizer quando afirma que "pouco significa para o Brasil neste momento um eventual rebaixamento na classificação dos créditos"?). Como já destacamos em comentário anterior, US\$ 2,4 bilhões entraram no México entre junho do ano passado e agosto deste ano, pela via da transformação de dívida em investimentos de risco, e outros US\$ 600 milhões estão na etapa final de acertos com o governo. Mais US\$ 700 milhões entraram como investimentos de risco independentes da dívida. O inimigo ianque lidera a lista de investidores com 48% do total.

O mecanismo é simples: a companhia estrangeira adquire títulos da dívida mexicana no mercado mundial por até 60% do seu valor nominal e, em seguida, vende este mesmo título ao governo mexicano por até 80% do seu valor. O governo mexicano não paga em dólares, mas em moeda nacional, e a companhia estrangeira se compromete a investir esse dinheiro no país, em linhas de produção voltadas para a exportação (por enquanto os setores privilegiados são o automobilístico, o de turismo, o de eletroeletrônica, o de têxteis, o de metalurgia e o de química). Só podem começar a remeter lucros para a matriz depois de um período determinado (no caso, quatro meses), suficiente para que o investimento seja contabilizado no item "reservas nacionais", ajudando, assim, a melhorar o perfil do balanço de pagamentos.

Os resultados são fulminantes: os estoques de capitais externos investidos no país aumentaram 60%, tendo atingido a marca de 16,8 bilhões de dólares em agosto último, com US\$ 800 milhões a mais do que o total conseguido pelo governo anterior, de José Lopez Portillo, que era muito criticado por "progressistas" como de la Madrid, por "abrir excessivamente o país aos capitais estrangeiros"...

É tal o sucesso do programa de internacionalização da economia que, hoje, até os "progressistas" do México (com aspas, como os daqui) cessaram os seus ataques contra a "abertura aos imperialistas" de de la Madrid. Este, por sua vez, prepara-se para dar novos passos na mesma direção, abrindo o programa de conversão de dívida também para os capitais nacionais, refugiados, permitindo que pessoas físicas comprem títulos da dívida mexicana em poder de outras empresas desde que provem que o dinheiro que estão usando na operação se achava depositado em bancos estrangeiros nos últimos três anos. Com isso pretende conseguir trazer de volta o dinheiro que os "progressistas" de lá tinham expulso do país no passado à força de terrorismo anti-empresarial e de perseguições ao lucro "pecaminoso".

E não é só isso. Debate-se neste momento no Legislativo mexicano um projeto que prevê o "arrendamento" de parte do território nacional — a Baja Califórnia — ao Japão, que ali instalaria uma série de indústrias montadoras com produção voltada para a exportação. E note-se que a Baja Califórnia é uma das regiões mais ricas do país...

Todas essas preciosas lições, com todos os seus fantásticos resultados já colhidos, foram passadas pelos "pais da idéia" no México, Gustavo Petrioli e Carlos Salinas, respectivamente ministros da Fazenda e do Planejamento, ao nosso ministro Bresser Pereira e ao presidente Sarney, numa reunião da qual também participaram o embaixador Rubens Ricupero, o secretário de gabinete do presidente, Jorge Murad, e o embaixador brasileiro em Washington, Marçilio Marques Moreira.

Mas não adiantou nada. O nosso presidente Sarney — que, graças a Deus para o Brasil, é um "intelectual" — já tinha chegado lá "de cabeça feita". Já tinha ouvido do senador saltitante ex-Arena, o moro PMDB, que bom mesmo para o Brasil é ampliar a moratória ou no mínimo empurrá-la indefinidamente com a barriga, que nós não temos pressa, e que este negócio de converter dívida em investimento "expande a base monetária". E já tinha ouvido dos padres da nossa Igreja peçonhenta que japonês "não tá com nada", que o negócio é reservar dois terços do território nacional para os índios cuja cultura, que deve ser preservada, é tão fundamental para encher barriga de pobre quanto a nossa "sobrania"...

O Zaca, o Cabeludo e o Pixote, coitado, que o digam!